

Novas observações do gavião-pato, *Spizaetus melanoleucus* (Accipitridae), em Santa Catarina, sul do Brasil

Evair Legal*
Glaucio Ubiratan Kohler
Gregory Thom e Silva
Tiago João Cadorin
Carlos Eduardo Zimmermann

O gênero *Spizaetus* é representado por três espécies no Brasil: o gavião-pegamacaco (*Spizaetus tyrannus*), o gavião-pato (*Spizaetus melanoleucus*) e o gavião-de-penacho (*Spizaetus ornatus*) (CBRO, 2008). O gavião-pato, *Spizaetus melanoleucus* (Vieillot, 1816) é a menor espécie dentre esses gaviões possuidores de penacho (Sick, 1997). É um acipitrídeo amplamente distribuído na América, ocorrendo do México à Argentina, sendo raro na maior parte onde de sua área de distribuição (White *et al.*, 1994 *apud* Olmos *et al.*, 2006). De grande porte, o macho pode medir de 53 a 55 cm e a fêmea, um pouco maior, mede entre 56 e 58 cm de comprimento (de la Peña e Rumboll, 1998). Possui plumagem branca-nívea com pequena máscara, tope em forma de coroa e manto negros, base do bico e íris amarelas, tarsos longos emplumados e amarelos (Sick, 1997).

Spizaetus melanoleucus é uma espécie de hábito diurno, vivendo só ou em pares, sendo conhecida por caçar aves de porte médio a grande porte (principalmente tucanos (*Pteroglossus*), papagaios (*Amazona*), baitacas (*Pionus*) e urus (*Odontophorus*), planando alto e mergulhando sobre suas presas, podendo capturar também sapos, répteis e mamíferos de pequeno porte (Willis, 1988 *apud* Olmos *et al.*, 2006; Bencke *et al.*, 2003; Straube *et al.*, 2004). Vive nas florestas tropicais e sub-tropicais, preferindo áreas semi-abertas com mistura de florestas altas e campos ou savanas, bordas de florestas primárias e secundárias, matas ripárias e porções mais arbóreas do Cerrado (Sick, 1997; del Hoyo *et al.*, 1994 *apud* Bencke *et al.*, 2003; Straube *et al.*, 2004). Com frequência empoleira-se sobre árvores altas e plana em círculos acima da floresta ou campos (del Hoyo *et al.*, 1994 *apud* Bencke *et al.*, 2003). Neste trabalho apresentamos novos registros de *Spizaetus melanoleucus* em Santa Catarina, sul do Brasil. A espécie foi observada em 24 e 31 de maio de 2008 na localidade Aymoré (27°03'53"S e 49°03'19", 650 m a.n.m.) no município de Guabiruba. Nesta localidade, a área é caracterizada por apresentar vários córregos e nascentes, estando a vegetação em ótimo estágio de conservação, sendo composta por Floresta Ombrófila Densa Sub-montana e Montana, fazendo ligação com a periferia da porção leste do Parque Nacional da Serra do Itajaí (PNSI).

No segundo registro nesta localidade, primeiramente um indivíduo planando a uma altura de cerca de 20 m foi observado atravessando um mirante existente em uma das partes mais altas do



Spizaetus melanoleucus observado na localidade Aymoré, município de Guabiruba

local. No mesmo dia, na parte mais baixa a espécie foi novamente avistada, sendo posteriormente fotografada, planando em círculos ganhando altitude em térmica. Na segunda localidade, a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Chácara Edith (27°05'56" S e 48°53'43" O, 36 m a.n.m.) situada na região central do município de Brusque, um indivíduo foi observado em 22 de maio de 2008 sobrevoando a cerca de 50 m de altura acompanhado com alguns indivíduos de *Coragyps atratus*. A agregação de *Spizaetus melanoleucus* e *Coragyps atratus* já foi observada por Zorzin *et al.* (2006) na área rural do município de Matozinhos, estado de Minas Gerais e por Kaminski e Carrano (2006) em Tijucas do Sul no estado do Paraná, adjacente ao município de Campo Alegre, no estado de Santa Catarina. Esta segunda localidade é composta por 415,79 ha de Floresta Ombrófila Densa Sub-montana e de Terras baixas. Os registros apresentados para Santa Catarina, todos históricos, são referentes aos municípios de Joinville, São Bento do Sul, e a última menção de sua ocorrência é atribuído ao município de Blumenau no ano de 1943 (Rosário, 1996).

No estado do Paraná a espécie encontra-se "em perigo", sendo apresentados, entre outros, dois registros para cidades limítrofes com o estado de Santa Catarina, conferidos aos municípios de General Carneiro e Rio Negro (Straube *et al.*, 2004). No Rio Grande do Sul, para o gavião-pato é conferido o *status* da categoria de ameaça como "criticamente em perigo", ou seja, a espécie corre risco extremamente alto de extinção na natureza neste estado (Bencke *et al.*, 2003). Estes autores apresentam ainda registros no Rio Grande do Sul próximos ao extremo sul do estado de Santa Catarina, onde constataram um pequeno núcleo populacional dis-



Spizaetus melanoleucus planando no município de Guabiruba

tribuído ao longo da Serra Geral. Nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro a espécie é considerada ameaçada de extinção na categoria "em perigo", sendo que não está incluída na lista nacional das espécies ameaçadas de extinção (Kaminski e Carrano, 2006). A densidade populacional da espécie é naturalmente baixa, assim como outros rapinantes de grande porte, precisando de grandes áreas para sua sobrevivência, o que engloba disponibilidade de alimento, ambientes para reprodução, abrigo, etc., consequentemente, entrando em rápido declínio quando há redução do seu habitat.

Outras formas de ameaça à espécie devem-se ao fato de ser alvo de caçadores e proprietários rurais, principalmente por considerá-lo uma ameaça para as criações domésticas e pela pressão de caça em suas presas e a degradação ambiental que escasseiam seu alimento (Bencke *et al.*, 2003). São recomendadas para a preservação da espécie ações como a proteção e fiscalização efetiva das florestas onde a *Spizaetus melanoleucus* ocorre; o reconhecimento do maciço da Serra Geral entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina como um corredor ecológico com implantação de estratégias para o desenvolvimento dessa região que garantam a integridade da espécie; a criação de unidades de conservação na região dos Aparados da Serra; a intensificação contra a caça ilegal da espécie, já que a perda de um único indivíduo pode contribuir significativamente para a extinção regional, entre outras ações essenciais (Bencke *et al.* 2003).

Referências

- Bencke, G. A., C. S. Fontana, R. A. Dias, G. N. Maurício e J. K. F. Mähler Jr (2003) Aves, p. 189-479. Em: C. S. Fontana, G. A. Bencke e R. E. Reis (orgs.) *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- CBRO - Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2008) *Listas das aves do Brasil*. Versão 5/10/2008. Disponível em <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em 26 de dezembro de 2008.
- de la Peña, M. e M. Rumboll (1998) *Birds of southern South America and Antarctica*. Colin Sharp, New Jersey, USA, 304pp.
- Kaminski, N. e E. Carrano (2006). Avifauna da Serra do Cabral e áreas adjacentes, Tijucas do Sul, Paraná. *Estud. Biol.*, v. 28, n. 64, p. 119-128.
- Olmos, F., J. F. Pacheco e L. F. Silveira (2006) Notas sobre aves de rapina (Cathartidae, Acciptridae e Falconidae) brasileiras. *Revista Brasileira de Ornitologia* 14 (4) 401-404.
- Rosário, L. A. do. (1996) *As Aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente*. Florianópolis: FATMA.
- Sick, H. (1997) *Ornitologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- Straube, F. C., A. Urben-Filho e D. Kajiwara (2004) Aves. Em: S. B. Mikich e R. S. Bérnils (eds) *Livro vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná*. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná, p. 143-496
- Zorzin, G., C. E. A. Carvalho, E. P. M. de Carvalho Filho e M. Canuto (2006) Novos registros de Falconiformes raros e ameaçados para o estado de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Ornitologia* 14 (4) 417-421.

*E-mail: evairlegal@yahoo.com.br

Laboratório de Ecologia e Ornitologia, Instituto de Pesquisas Ambientais, Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB. Rua Antônio da Veiga, 140, Bairro Victor Konder, 89012-900, Blumenau, Santa Catarina, Brasil.